



A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO NA PERSPECTIVA HUMANA

João Paulo Vitoriano¹

Thiago Onofre Maia²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a história da criação na perspectiva humana. O trabalho aborda a origem do homem na cultura judaico-cristã e apresenta alguns aspectos da visão da ciência, sobre a “criação” do mundo e do homem. A partir desse quadro investiga se é possível uma conciliação entre evolucionismo e criacionismo a respeito da origem do homem e do mundo, sem se preocupar com a busca de resposta para as questões científicas.

PALAVRAS-CHAVE: Criação; Evolução; Judaico-cristã; Homem; Criador.

Este artigo, conforme vimos no resumo, analisa alguns aspectos da criação na perspectiva humana, percorrendo o caminho da história e elencando fatos que influenciaram o pensamento judaico-cristão sobre a origem da vida do homem a partir da vontade do Criador. Estudar o problema da origem do homem, implica sobretudo falar da teoria da evolução de Darwin e de seus interpretadores. À medida que se avança, surgem indagações sobre a possibilidade de haver uma conciliação entre o evolucionismo e o criacionismo. E por fim, examina-se o homem como imagem e semelhança de seu Criador. O texto está organizado em quatro seções. 1. O Criador pensa e realiza sua obra 2. O mundo criado: a evolução 3. O mundo criado: visão judaico-cristã 4. Possibilidade de conciliação entre as duas visões – evolucionista e criacionista.

¹ João Paulo Vitoriano é licenciado em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e graduando em Teologia pelo Claretiano – Centro Universitário. Este artigo foi elaborado a partir da monografia (TCC) orientada pelo Prof. Me. Thiago Onofre Maia. E-mail: joaopaulovitoriano14@gmail.com

² Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e professor de língua portuguesa na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: onofretm@gmail.com

1. O Criador pensa e realiza sua obra

No decurso da história, é possível se constatar uma relação do homem com Deus. Desde o “início” da humanidade já se tem essa discussão. Por isso, o objetivo dessa pesquisa é abranger alguns aspectos da antropologia, especificamente os dados *históricos*, envolvendo parte da Sagrada Escritura que contém uma visão mais “apropriada” sobre a origem da vida do homem como criação e a relação dos dados escriturísticos com a humanidade.

É comum vermos a criação do mundo como uma evolução dos aspectos químicos que a compõem, pelo menos do ponto de vista da ciência. Mas é importante que pensemos que não parece ter sido um mero acaso. No decorrer da história, podemos perceber que a ciência sempre está evoluindo em suas pesquisas e em suas constatações, e uma das preocupações é buscar dar explicações de como surgiu o homem, o mundo e de que maneira ocorreu esse processo.

Neste sentido, veremos a concepção da origem da vida vinda da matéria, por acaso, sem qualquer pretensão de nos aprofundar nos dados científicos a esse respeito. No século XVII, se propôs uma possível reproposta. Por isso, há um pensamento que afirma ter sido,

Através de uma combinação casual de elementos químicos que se formou a primeira célula viva, e por ela foi estabelecido imediatamente, um código genético, formado por uma série de moléculas de DNA, que assegurou definitivamente a transmissão da vida.³

Ao vermos que a vida surgiu de uma combinação casual das células, perguntamos: Como ocorre a distinção entre os seres vivos que conhecemos? Alguns cientistas vão responder que é devido ao puro acaso. E é propriamente a tese de Jacques Monod, bioquímico francês, em cujo pensamento vamos adentrar e analisar a resposta da formação da vida por meio do acaso. Contudo, não nos deteremos nessa teoria como ponto principal. Monod, em sua tese, afirma que: “a vida e toda a ordem dos seres vivos teve origem casual”.⁴

Para Monod, não existe na natureza nenhum plano, nenhuma intencionalidade, de modo que tudo basicamente ocorre por acaso. Segundo ele, admitir planos e projetos na natureza indica uma mentalidade primitiva e animista. Com isso, o autor, em nome da

³ MONDIN, Batista, *O homem, quem é ele?* 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 55.

⁴ *Ibidem*, p. 56.

ciência, recusa todas as concessões religiosas e os sistemas filosóficos, que não utilizam a teoria do acaso para explicar por que os seres vivos nascem do puro acaso.

A teoria de Monod teve muitas repercussões e várias críticas na época. Nota-se, ainda, que o autor defende a ideia de que a vida nasce do acaso. Porém, ao avaliar essa teoria, dela discordamos – e neste sentido usaremos a concepção materialista do etnólogo francês Jean Servier, que criticou a teoria de Monod.

Jean Servier afirma que a única hipótese admissível e também cientificamente possível, no que concerne ao problema da origem da vida, é aquela que afirma que o mundo e a vida têm origem por criação.⁵ Ou seja, ao modo de pensar de Servier, a tese da origem da vida por evolução ou por acaso não tem nenhum valor científico, porque não possui argumentos a seu favor. A esse respeito, Jean Servier diz: “Afirmamos *a priori* que a matéria estava na origem da vida, sem imaginar por um só instante que esse ponto de partida pudesse ser falso e que talvez uma proposição inversa explicasse melhor os fatos”.⁶

Assim, Jean refuta a ideia de que vida tenha nascida por acaso e mostra que ela tem origem na criação e é nessa teoria que se deve “confiar”. Jean diz que a matéria estava na origem da vida, se Deus criou a matéria, logo criou a vida. Também diz que uma teoria que segue um caminho médio entre a concepção da origem da vida por criação direta de Deus, é professada por vários autores cristãos.

Por isso, afirma que:

A vida teve origem por evolução programada, ou seja, a evolução se realiza segundo um programa preestabelecido por Deus, e Deus estabeleceu que das forças de que dotou inicialmente a matéria em certo momento surgisse a vida.⁷

Também assegura que essa hipótese nos parece filosoficamente aceitável quanto ao seu valor científico e que nenhum cientista está em condições de refutá-la. Dessa maneira, podemos observar que Servier diz que a vida nasceu da criação de Deus e nenhum filósofo pode provar o contrário. E a partir desse aspecto, podemos ver como surgiu a vida para que após termos essa visão possamos conhecer o homem e ver como o Criador realiza sua obra.

Como podemos analisar,

⁵ MONDIN, Batista, *O homem, quem é ele?* 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 58.

⁶ Ibidem, p. 58

⁷ Ibidem, p. 59.

Há tantas coisas que classificamos como viventes, porém entre todas há uma que consideramos particularmente rica de vida, que é o homem. Por outro lado, sabemos que privar o homem da vida e destruir o seu próprio ser são a mesma coisa.⁸

A filosofia, de um lado, diz que a vida é um ser dotado de movimento interior, autógeno, particularmente rico, variado e intenso. De um outro lado, acolhem-se as informações favoráveis que a ciência tem dado sobre a vida, desde que se apresentem seguras e definitivas. Mas quando alguns cientistas atestam a vida por acaso, não podemos estar de acordo com os que afirmam isso, pois não seria dar uma solução ao problema, mas sim fechar os olhos e recusar a vê-lo.⁹

Notamos, desde esse ponto de vista, que é considerável afirmar algumas questões sobre a origem da vida vindo da ciência. Mas não vamos avaliar a vida no geral, somente vamos deter-nos ao aspecto da vida humana. A vida do ser humano se distingue da vida de outros seres pelo fato de ser consciente de si mesma; é isso que a distingue de outros seres que possuem vida. Pode-se dizer que por se diferenciar são atribuídas várias dimensões à vida do homem, como espiritual, intelectual, social, política etc., mas nosso objetivo não é explicar nenhuma delas, é para sabermos que o homem é o dono de sua própria vida, pois pode apreciá-la, melhorá-la e até transcender os limites do espaço e do tempo e em larga escala controla-la, dirigi-la e aperfeiçoa-la.

Dizemos, portanto, que a vida humana é, em suma, a que atinge todos os níveis espirituais elevados; níveis esses que procuram sempre o superar, e o seu verdadeiro significado pode ser colhido apenas descobrindo sua finalidade para a qual é orientada. Porém, não vamos nos preocupar em definir qual é a finalidade para qual a vida é orientada. O resultado é certo: “o significado último da vida humana não pode ser tratado nem debaixo nem do passado, por- que ele sucessivamente aponta para o alto e para o futuro”.¹⁰ Vemos, no entanto, que a vida tem seus níveis espirituais e pode ser “definida” através destes, mas mais especificamente esses níveis só são atribuídos ao homem, de tal maneira que eles nos dão a noção de criação pelas diversas dimensões que são apresentadas somente ao homem.

Ao darmos o primeiro passo, vemos que na história não há só uma teoria sobre a origem da vida do homem. A origem da vida humana vinda do acaso, porém, é preciso

⁸ Ibidem, p. 60.

⁹ MONDIN, Batista, *O homem, quem é ele?* 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 60.

¹⁰ Ibidem, p. 61.

notarmos, que não é uma teoria “confiável” e, por assim dizer, vários cientistas a refutam, e percebemos que o etnólogo francês Jean Servier, em sua teoria, se apresentou contrário à teoria do acaso.

Para entendermos um pouco mais sobre a criação da vida humana, da origem do homem, vemos as Sagradas Escrituras, mais propriamente no livro do Gênesis. A narração da história da criação conta, de parte a parte, como foram criados o mundo e o homem, e nesta perspectiva vamos analisar como se deu a criação segundo o Criador, mas não é nosso objetivo analisar toda a história da criação, somente onde o Criador realiza sua obra e dá origem ao homem. Já se tem, no primeiro capítulo do livro do Gênesis, que Deus criou o céu e a terra, porém antes a terra estava vazia e vaga e as trevas a cobriam e o espírito de Deus pairava sobre as águas.¹¹

A partir daí, Deus viu a “necessidade” de enchê-la, criar algo para completar a terra, e começa a criação, primeiramente Deus cria a luz e sobreveio as trevas, e chamou a luz de dia e as trevas de noite, em seguida separa o firmamento das águas e chamou o firmamento céu que está acima das águas, também Deus notou a precisão de criar o continente, o qual chama de terra, e às águas deu o nome de mar. Do mesmo modo, Deus continuou sua criação, criou as ervas que darão sementes e árvores frutíferas, e Deus viu que tudo o que ele havia criado era bom.¹²

Deus continuou sua criação, criou os luzeiros para governarem a terra e sobreveio o dia e a noite; criou também as aves para voarem no céu e serpentes e os seres que rastejam debaixo da água, e lhes deu a ordem de multiplicarem-se e encher a terra e o mar, cada um segundo sua espécie.

Deus criou os animais domésticos, répteis e feras segundo suas espécies, para que vivessem sobre a terra, e viu que tudo era bom; porém, ainda estava faltando algo que preenchesse e “governasse” tudo o que havia criado, e Deus disse:

Façamos o homem à nossa imagem como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra”. Deus criou o homem a sua imagem à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou.¹³

¹¹ GÊNESIS. In: A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1980. Cap. 01, vers. 01-26, p. 31.

¹² Ibidem, p. 31.

¹³ Ibidem, p. 32.

Como podemos ver, segundo o Gênesis, a criação vai se realizando em várias etapas, ou ainda poderíamos dizer, que se constitui em graus. E é a partir desses graus que podemos perceber a grandeza do Criador. Segundo as Sagradas Escrituras, o Criador cria primeiro o céu e a terra e ao ir criando cada espécie para fazer parte da terra sente a necessidade de criar um ser que “governe” toda a criação e o Criador cria o homem segundo a sua semelhança. Assim, vemos que o Criador realiza toda sua obra por etapas, e é através delas que podemos perceber sua *revelação divina*, ou ainda, humana, já que o homem é criado à sua imagem.

Como percebemos, a criação pelo Criador se constitui por graus, e a face do Criador vai se mostrando. Para ficar mais fácil de compreender, vamos apresentar o pensamento de Gregório de Nissa, em relação à criação. De início, ele atribui ao homem como um ser honrável e grande, porém era preciso que primeiro se preparasse o “território” para, a partir de então, dar o governo a alguém, e diz assim:

Mas não era senão depois da preparação de seu reino que devia logicamente ser revelado o rei, quando o Criador do cosmos tivesse por assim dizer preparado o trono daquele que devia reinar. Eis a terra, as ilhas, o mar e sobre eles, o céu como teto.¹⁴

Assim sendo, notamos que Nissa fala que, antes, o Criador prepara toda sua criação e após ela ficar “pronta” precisa ter um “rei” que governe. E Gregório acrescenta.

Em seguida, fez aparecer o homem neste mundo para que se tornasse o contemplador e o mestre das maravilhas que nele existem, de sorte que, através do regozijo delas, recebesse a inteligência daquele que as tinha fornecido através da beleza e da grandeza daquilo que via pudesse investigar a inefável e inexprimível potência do Criador.¹⁵

Por isso, podemos notar que o Criador, ao dar origem a sua obra, precisou que alguém comandasse com tudo o que havia feito; no entanto, segundo Gregório, Deus cria o homem, mas somente após ter criado o cosmos, como vimos na narração das Sagradas Escrituras. E para assim dizer, criou o homem para comandar com toda a criação e através dela e dele próprio, feito à imagem e semelhança, seja compreendida a Revelação Divina.

¹⁴ NISSA. Gregório de. *A criação do homem; A alma e a ressurreição; A grande catequese*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 56.

¹⁵ Ibidem, p. 56.

2. O mundo criado: a evolução

O tema acima analisado nos dá uma noção de como surgiu a vida primeiramente em uma visão histórica da ciência e após na teoria histórica da criação a partir de um Criador, como se depreende das Sagradas Escrituras. Mas, não podemos aprofundar somente nessas teorias; precisamos observar o que outras têm a dizer sobre a “criação” da vida ou do homem. É nesse contexto histórico que continuaremos a buscar, na teoria da evolução, o modo como ela se apresenta ante à origem da vida. Visto que acima afirmamos que há um Criador, se retirarmos a figura dele da história não se tem uma obra com autoria.

O termo evolução conserva o sentido genético de desenvolvimento, mas com mais frequência é utilizada para designar uma doutrina particular que se chama “teoria da evolução”.¹⁶ E, por assim dizer, essa expressão pode ser entendida por duas coisas diferentes, sendo a primeira pela teoria biológica da transformação das espécies vivas nas outras; e a segunda é a teoria metafísica do universo em sua totalidade. Embora esses dois significados tenham interagido ao longo da história da filosofia, é preciso mantê-los separados.¹⁷

Esse conceito, de certa forma, não teria tanta repercussão do transformismo biológico, que teve no início com a origem das espécies de Charles Darwin, porém foram atribuídos “créditos” à teoria de Darwin somente no século XVIII por alguns naturalistas que começaram a considerar a possibilidade da transformação das espécies biológicas. Mas foi só a partir da origem das espécies que se iniciou a moderna teoria da evolução das espécies, a qual admite duas ordens de fatos: a primeira, a existência de pequenas variações orgânicas que se verificam nos seres vivos em que intervalos irregulares de tempo, e pela lei da probabilidade podem ser vantajosas para o indivíduo; e a segunda, a luta pela vida entre os indivíduos vivos, que se deve à tendência de cada espécie se multiplicar, segundo uma progressão geométrica.¹⁸ Ao ver que, segundo Darwin, há duas ordens de fato, são resultados delas o seguinte:

Que os indivíduos nos quais se manifestem mudanças orgânicas vantajosas têm maiores probabilidades de sobreviver na luta pela vida, e, em virtude do

¹⁶ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 392.

¹⁷ *Ibidem*, p. 392.

¹⁸ *Ibidem*, p. 393.

princípio de hereditariedade, haverá neles acentuada a tendência a deixar caracteres acidentais como herança aos seus descendentes. Essa é a lei da seleção natural de Darwin.¹⁹

Podemos notar que Darwin diz que o ser humano tem como deixar “traços” para seus futuros descendentes, porque já se tem desde o princípio. Essa teoria foi muito conceituada por alguns naturalistas como vimos; porém precisamos notar que essa pesquisa não tem interesse de aprofundar essa teoria, mas apresentar historicamente como se deram as pesquisas e a que conclusões chegaram.

Tentaremos de forma resumida apresentar as ideias da teoria da evolução em cinco perspectivas, apontando o dado do contexto histórico sobre a evolução, sem necessariamente referir a qualquer juízo. A primeira é a separação da ideia de evolução da ideia de progresso. Huxley sugere um critério objetivo de progresso, uma linha de dominação sucessiva, ou seja, contada pela idade de todos os ancestrais até chegar ao homem; porém ela é pouco objetiva porque é sugerida para chegar a aproximação do homem.²⁰ Portanto, vemos que há uma “tendência” de organização das espécies vivas ou o modo em que vivem; por fim, vemos que o homem aqui é visto a partir dos primeiros “videntes” no cosmos, ou seja, desde lá foram se modificando até chegar ao homem.

A segunda perspectiva seria a exigência dos fatores invocados para explicar a evolução, e não seria só a partir de um plano de organização, mas também pelo que ocorre por acaso. Aqui precisamos perceber que não se trata de analisarmos a evolução através de uma organização ou pelo acaso, mas também pela “doutrina” da evolução das espécies como os neodarwinianos fizeram que seria pela seleção natural, ou seja, pela evolução das espécies.

Na terceira, veremos que a teoria menciona e apresentada acima afirma que não é preciso seguir uma organização pelo fato que na adaptação da espécie está contida a adaptação nela mesma, ou seja, que um organismo pode se adaptar facilmente em ambientes diferentes, porém essa adaptação pode levá-la à morte quando o organismo não reconhece o lugar.

Na quarta perspectiva podemos perceber que Darwin propõe a exclusão da *dogmatização*, que seria obviamente ordem-desordem, fim-acaso. O autor menciona que

¹⁹ Ibidem, p. 393.

²⁰ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 394.

a vida tende a explorar as possibilidades que lhe são oferecidas.²¹ Ou ainda, vemos que a vida tem a tendência de descobrir as chances de tudo o que lhe é oferecido; alguns cientistas vão dizer que é através da matéria viva no mundo onde se dá a principal lei da evolução. Pois não foram projetados na espécie um plano que iria funcionar tudo, de uma forma só, mas seria através das explorações possíveis que se apresentam para a classe.

E como quinta e última perspectiva desaconselha a continuarmos usando, ou submetendo os fenômenos da vida aos instrumentos objetivos de investigação de que a ciência se dispõe e, por conseguinte, se deteria a pesquisa biológica.²² Portanto, vemos que a tese propõe não seguir um modo que se utilize de ferramentas de investigação através de fenômenos e objetos, mas que se use das investigações biológicas que seriam o uso de instrumentos possíveis, aos quais podem chegar, porém isso resultaria no materialismo metódico, não o materialismo pensado no século XIX.

Percebemos, por meio dessas perspectivas no que consiste a teoria da evolução das espécies, que seria através das idades das espécies que se originou o homem, ou seja, seus ancestrais; e não se tem uma certa determinação para pensá-lo de outro modo, pois este obedece à lei natural e dela se utiliza para usar os instrumentos possíveis em seu favor, pela sua “capacidade” de se adaptar em qualquer local; mas essa adaptação pode o levar à morte pelo fato de seu organismo não se adequar às exigências locais.

A partir do que mostramos, partindo da história da criação, se pode perceber que a criação se torna vazia sem o Criador, como o próprio nome criação precisa ser feita por alguém. A Teoria da Evolução em seu aspecto científico mostra que, para se chegar à espécie humana se constituiu por elevações, ou seja, por partes, o que permite percebermos que a criação também se constituiu por graus, partes.

3. O mundo criado: visão judaico-cristã

A visão de mundo na perspectiva judaico-cristã pode ser atribuída à linguagem ou à tradição bíblica, e quando nos referimos ao Criador, aqui chamamos de Deus, termo do qual também pudemos mostrar uma pequena noção, quando falamos que a criação é constituída por graus.

²¹ Ibidem, p. 395.

²² Ibidem, p. 395.

Em oposição aos velhos mitos e à posterior especulação filosófica, a revelação começa pela frase: “No princípio criou Deus o céu e a terra”. Tanto o céu como a terra, isto é, todas as coisas espirituais e materiais, foram criadas exclusivamente por Deus, que as tirou do nada por um ato de sua vontade.²³

Já de início, fica evidente perceber que nesta perspectiva, tudo o que foi criado foi criado por Deus. E como vemos na citação, foi por um ato da vontade de Deus; aqui se muda a forma de pensar, que seria pela vontade do Criador, portanto devemos entender a criação como um ato da vontade e amor de quem a constituiu e fez. E é em Tomás de Aquino que vamos buscar o contexto histórico para essa teoria.

Tomás de Aquino mostra que em todas as coisas há uma tendência a atingir o fim; fim que o mesmo atribui a um apetite natural; ou seja, as coisas por sua própria natureza tendem a um fim, e esse apetite nos seres inteligentes é um ato consciente ao qual tende para um fim conhecido como vontade. Nessa perspectiva histórica, vemos que na visão cristã Deus é conhecido como um ser supremo, absoluto, inteligente, de modo que devemos atribuir a ele o aspecto da vontade. Se Deus é um ser absoluto que criou tudo, não se pode considerar à vontade num aspecto separado das causas, que seria, a primeira, Deus, pois ele é o próprio fim, como é o seu próprio conhecimento, sendo ele um ser absoluto. “E se Deus quer outras coisas, distintas de si, é tomando-se a si mesmo como fim; quer que existam, diz Tomás, porque convém à divina bondade que outros seres dela participem”.²⁴

Contudo, vemos que Deus sendo o começo e o fim e se as coisas tendem a um fim é a ele que tendem, eis a vontade de fazer algo e que outros seres participem dela. No entanto, se Deus quer uma coisa, é necessário que queira, pois provém de sua vontade, de seu “desejo”. Por isso, Deus criou e plasmou sua criação pelo seu ato de vontade, mas teria sido por vontade esse ato? Proveio da vontade, porém tem algo a mais da vontade, não fica somente nesse ato.

Ao vermos que Deus realiza sua obra através da vontade, como nos mostra Tomás, devemos pensar em um ato que provém junto com a vontade, que ambos estão atribuídos a Deus, esse ato seria o amor. A palavra amor designa no homem coisas diferentes que se costuma perceber, por exemplo: o amor-paixão que Aquino cita seria

²³ BOEHNER, Philotheus. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. 11. ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2006. p. 14.

²⁴ BARROS, Manuel Correia de. *Filosofia tomista*. 2. ed. Porto: Livraria Figueirinhas, 1966. p. 211. *Helleniká – Revista Cultural, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 83-98, jan./dez. 2019*

aquele que “tapa” a racionalidade, ou seja, que age sobre os sentimentos e não pelo espírito, que na linguagem filosófica seria a razão.

Mas também há o amor propriamente dito, primeiro movimento da vontade, que nele desperta o impulso para o bem que o amor tem por objeto.²⁵ Esse amor no homem é sempre acompanhado por um elemento sensorial que pode ser ou estar acompanhado por desejo, ou seja, pelas coisas que procuramos para o nosso bem ou de um amigo. Podemos notar que para o homem, o amor está “ligado” com o desejo que tende para o bem próprio ou do próximo.

No entanto, vemos que ao homem são atribuídas duas formas o amor: o amor-paixão, que não pode ser atribuído a Deus, por que ele é um ser incorpóreo. Porém, o amor propriamente dito, “está claro que através da sensibilidade que ele não pode existir a quem não tem corpo”²⁶. Mais, então, qual seria o amor de Deus? Tomás diz: “Por causa da sua simplicidade divina, devemos identificar o amor de Deus, com a sua própria essência”.²⁷ Notamos, no entanto, que Deus tem antes de mais nada a si mesmo, como objeto de seu amor, ou ainda, se o amor faz parte de Deus, de sua essência, também Deus por ter o amor como essência própria está contida em si a vontade e o amor, por isso ele cria o mundo e plasma por seu amor o qual deseja todas as coisas, não porque precisa delas, mas para que possa refletir através delas a sua bondade.²⁸

Desse modo, vemos que Tomás de Aquino atesta que Deus cria o mundo por sua vontade e amor, e a razão dessa afirmativa é que ele é o princípio e o fim, e tudo está contido nele. Portanto, a vontade e o amor fazem parte de Deus, da sua essência. Isso faz com que nós notemos que, na visão judaico-cristã, afirma-se que Deus criou o mundo num ato de vontade e amor, e Tomás de Aquino nos mostra que Deus é o princípio e o fim de tudo, desse modo o amor e a vontade estão atribuídos a sua essência e, a partir desses dois elementos, cria o mundo e a criatura para que possa contemplar sua bondade.

4. Possibilidade de conciliação da criação nas duas visões – evolucionista e criacionista

²⁵ Ibidem, p. 213.

²⁶ BARROS, Manuel Correia de. *Filosofia tomista*. 2. ed. Porto: Livraria Figueirinhas, 1966. p. 211.

²⁷ Ibidem, p. 213.

²⁸ Ibidem, p. 213.

Como pudemos perceber através dos dados mostrados até aqui, a evolução tem seu modo de pensar sobre a origem da vida, qual seja, a existência da vida vem da evolução das espécies. Já a criação diz que a vida provém do Criador. Cada visão tem sua concepção, mas será que é possível conciliar as duas visões? Ou ambas são totalmente distintas? Deveria ser bem convincente e já claramente aceito que, para ser fiel à revelação do Deus da *Bíblia*, não precisamos nos limitar aos conhecimentos científicos das pessoas que as escreveram.²⁹

Aqui está uma forma bem expressa que não é preciso nos limitar aos conhecimentos científicos, pois se expressarmos que a vida tem origem no Criador, a revelação dele supera os limites que a ciência encontra. Emil Brunner diz: “Só podemos falar de criação baseados na revelação”.³⁰ Portanto, dizer que as coisas são criadas seria deixá-las no âmbito da fé sem pretender transformá-las cientificamente, pois aceitar a criação é aceitar que as coisas estão perante Deus e fazem parte dele, e que provém dele. Por isso, podemos dizer que a criação não é somente um dado mítico, mas uma visão que tenta explicar a origem da vida e do homem.

Agostinho nos ajuda a entender que a criação passa a significar *poder* do Criador que tudo constitui a partir do nada. “Nada havia fora de vós, com que pudésseis criar, do nada, pois fizestes o céu e a terra”.³¹ Portanto, ao dizer que do nada Deus criou o céu e a terra, podemos intuir também que ele criou a matéria. Para ficar um pouco mais clara essa afirmação vejamos o que diz Agostinho, de quem a tradição cristã preserva as palavras.

Quem é Deus? Perguntei-o à terra e disse-me: ‘ eu não sou’. E tudo o que nela existe respondeu-me o mesmo. Interroguei o mar, os abismos e os répteis animados e vivos e responderam-me: ‘não somos o teu Deus, busca-o acima de nós’. E disse a todos os seres que me rodeiam as portas da carne: ‘já que não sois o meu Deus, falai-me do meu Deus, dissei-me ao menos alguma coisa dele’. E exclamaram com alarido: ‘foi ele quem nos criou’.³²

Por conseguinte, fica clara a afirmação acima de Agostinho a respeito da criação, no que ele se pergunta: ‘quem é Deus?’ E todas as coisas respondem: ‘ele nos criou.’ Essa

²⁹ SANCHES, Mario A. *Criação e evolução*. 1. ed. São Paulo: Ave Maria, 2009. p. 26.

³⁰ BRUNNER, Emil, 1952 apud SANCHES, Mario A. *Criação e evolução*. 1. ed. São Paulo: Ave Maria, 2009, p. 26.

³¹ AGOSTINHO, Santo, 1975 apud SANCHES, Mario A. *Criação e evolução*. 1. ed. São Paulo: Ave Maria, 2009, p. 27.

³² *Ibidem*, p. 28.

seria uma afirmação da tradição cristã a respeito da criação. Então, quem acredita que o mundo e todas as coisas são criação de Deus é a tradição que nos vem desde os hebreus.

Desse modo, vemos que: o conceito de criação como ponto básico da fé bíblica, portanto, não exclui nem contradiz a evolução como teoria científica.³³ Por isso, pode-se dizer que na relação entre criação e evolução, a criação seria o conceito mais geral, pois de fato tudo o que foi feito pela evolução supõe sempre algo que existia já pela criação. Portanto, a evolução significa uma transformação do criado, enquanto a criação supõe que nada existia previamente.³⁴ Já aqui, pode-se perceber uma pequena semelhança entre as duas teorias.

O importante dessas duas concepções é que ambas podem ser aceitas sem contradição, tanto pelo cientista como pelo religioso, ou seja, o cientista que crê ou pelo religioso que busca uma visão científica do universo. Com isso, vemos que os conceitos de criação e evolução não só podem ser inter-relacionados, como na verdade se explicam mutuamente.³⁵ Brunner afirma que:

A criação é o pano de fundo invisível da evolução e a evolução é o primeiro plano da criação. A fé sozinha capta o invisível aspecto; a ciência capta seu aspecto visível. Evolução é o mecanismo da criação e criação é a fonte espiritual e a causa final da evolução.³⁶

Portanto, pode-se dizer que há essa inter-relação de modo que uma complementa a outra. Como vimos nesses dois aspectos acima apresentados, há possibilidade de aproximação das duas formas de compreender a realidade do mundo e da vida, mas não podemos fazer uma leitura radical de ambas, porque têm aqueles que afirmam ser correta só a criação e tem aqueles que afirmam ser somente a evolução. Por isso, devemos ter a capacidade de conhecer cada vez essas duas teorias, pois assim estaremos observando que em ambas pode sim haver um ponto de convergência.

Contudo, podemos ver que, “a fé cristã sempre destacou que a criação é o contrário do caos, ou seja, há uma ordem na criação, na natureza”.³⁷ Por isso, podemos dizer que a criação vem antes da evolução, pois se Deus criou tudo inclusive a matéria em que a evolução se “apoiar”, vemos que ambas podem ser conciliadas. Desse modo, Sanches

³³ SANCHES, Mario A. *Criação e evolução*. 1. ed. São Paulo: Ave Maria, 2009, p. 29.

³⁴ OVERHAGE, Paul, apud SANCHES, Mario A. *Criação e evolução*. 1. ed. São Paulo: Ave Maria, 2009, p. 29.

³⁵ SANCHES, Mario A. *Criação e evolução*. 1. ed. São Paulo: Ave Maria, 2009, p. 31.

³⁶ BRUNNER, Emil, 1952 apud SANCHES, Mario A. *Criação e evolução*. 1. ed. São Paulo: Ave Maria, 2009, p. 40.

³⁷ *Ibidem*, p. 32.

diz: Deveria ser fácil, ao cristão de hoje, aceitar que é por meio da evolução que a criação se ‘desdobra dentro da vontade e da orientação de Deus’.³⁸

Visto que o trabalho não tem objetivo de afirmar essa conciliação, mas somente apresentar dados fundamentados sobre a possibilidade de ambas não serem consideradas totalmente distintas, damos por satisfeitos os dados trazidos das pesquisas e leituras realizadas e mostradas. Assim, certamente em algum momento da história a ciência e a fé hão de trazer respostas claras e objetivas acerca do que é o universo, a vida e sua origem.

Conclusão

O presente trabalho apresentou alguns subsídios dos aspectos históricos sobre a origem da vida, trazendo duas teorias para a elaboração da aproximação das duas teorias acerca da origem do mundo e da vida. O aprofundamento desse conteúdo fica a critério do leitor, caso ele se interesse, pois aqui podemos constatar apenas uma noção básica quanto à origem da vida do homem, que desde sempre foram levantadas questões a esse respeito, e ainda hoje fica a dúvida de onde surgiu, como, quando e entre outras. E nesse tocante, há diversos estudos científicos pautados na mesma questão e, naturalmente, a possibilidade de outras tantas discussões pautadas no tema. Mas, quanto mais teorias se estuda, mais se dificulta a compreensão clara e objetiva do tema.

O homem visto a partir da criação tem sua origem no Criador que, como observamos a cultura judaico-cristã se utiliza dessa teoria para explicar o surgimento do homem, a origem do universo e da vida. No entanto, se tirarmos a figura do Criador não se tem uma obra com autoria, e mais ainda, não seria possível afirmar que a vida tivesse origem na criação, portanto se a origem do homem é por criação é através do Criador que a nossa cultura denomina Deus, e que o homem realiza seus atos como ser humano e dessa forma se espelha na imagem e semelhança de seu Criador, é porque sua origem é mesmo Criador.

Já quem adota a teoria evolucionista de Charles Darwin, pauta seu pensamento no fato de que a origem da vida do homem provém da evolução das espécies, ou seja, de seus ancestrais. Portanto, ela evolui e não foi criada simplesmente. No entanto, parece ser contrária à teoria da criação. Por outro lado, notamos que ambas se complementam,

³⁸ SANCHES, Mario A. *Criação e evolução*. 1 ed. São Paulo: Ave Maria, 2009, p. 32.

pois para se afirmar que há uma evolução se supõe que antes havia algo, a matéria; ora, a matéria alguém fez, plasmou e constituiu; dessa forma, sendo Deus o autor da criação, como cremos, cria a matéria a qual a teoria da evolução defende, e afirma estar nela a origem da vida. Outro aspecto que pode conciliar ambas as teorias é o fato de se constituírem em graus tanto a criação como a evolução.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões; De Magistro (Do Mestre) / Santo Agostinho*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- BARROS, Manuel Correia de. *Filosofia tomista*. 2. ed. Porto: Livraria Figueirinhas, 1966.
- BOEHNER, Philotheus. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. 11. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.
- GÊNESIS. In: A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1980. Cap. 01, vers. 01-26, p. 31-32.
- NISSA, Gregório de. *A criação do homem; A alma e a ressurreição; A grande catequese*. São Paulo: Paulus, 2011.
- MONDIN, Batista, *O homem, quem é ele?* 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.
- SANCHES, Mario A. *Criação e evolução*. 1. ed. São Paulo: Ave Maria, 2009.

